

**A morte na gestão da pandemia de Covid-19 no Brasil:
o negacionismo de Jair Bolsonaro na cobertura da Folha de S. Paulo**

*Death in the management of the Covid-19 pandemic in Brazil:
Jair Bolsonaro's denial in Folha de S. Paulo's coverage*

Wellington de Oliveira PEREIRA¹
Luiz Ademir de OLIVEIRA²

Resumo

O artigo aborda a gestão de Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19 e a cobertura da Folha de S. Paulo de suas declarações. A pesquisa busca compreender a guerra narrativa entre Bolsonaro, com sua postura negacionista, e os veículos midiático, que se alinharam à OMS na cobertura sobre a pandemia, bem como demonstrar os impactos do posicionamento contrário do chefe do executivo às medidas recomendadas pela comunidade científica mundial. Para elucidar essa questão, o referencial teórico debate sobre mídia, necropolítica, pós-verdade e notícias fraudulentas. Como análise, desenvolve-se uma Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), coletando notícias da Folha de S. Paulo com as declarações de Bolsonaro sobre a pandemia, com recorte temporal de março de 2020 a abril de 2021.

Palavras-chave: Comunicação política. Miatização. Notícia Fraudulenta. Pós-verdade.

Abstract

The article discusses Bolsonaro's management during the Covid-19 pandemic and Folha de S. Paulo's coverage of his speeches. The research seeks to understand the narrative war between Bolsonaro, with its denial stance, and the media vehicles, which have aligned themselves with the WHO in covering the pandemic, as well as demonstrating the impacts of the chief executive's position contrary to the measures recommended by the world scientific community. To elucidate this issue, the theoretical content debates media, necropolitics, post-truth and fraudulent news. As an analysis, a Content Analysis is developed (BARDIN, 2011), collecting news from Folha de S. Paulo with Bolsonaro's statements about the pandemic, with a time frame from March 2020 to April 2021.

Keywords: Fraudulent news. Mediatization. Political communication. Post-truth.

¹ Graduando em Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFSJ). E-mail: wellop16@gmail.com

² Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ. Professor do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. E-mail: luizoli@ufs.edu.br

Introdução

A midiaticização colocou a comunicação como elemento central na sociedade e em suas dinâmicas sociais, o que afetou as lógicas de funcionamento da política institucional. Junto a isso, houve uma potencialização das notícias fraudulentas e seu uso como ferramenta dentro do cenário político. O uso de notícias fraudulentas não é exclusivo às campanhas, mas também é um meio de governar, retirando as discussões de um centro lógico e factual para um espaço de especulações e teorias conspiratórias.

A adoção da pós-verdade e das notícias fraudulentas como política beneficia a necropolítica, já que discussões antes superadas pelas ciências precisam ser retomadas em uma disputa entre opinião pessoal e comprovações científicas. Essa condição gera caos social, institucional e político, o que favorece a implantação da exceção e a arbitrariedade das ações estatais e do capital.

Dessa forma, discute-se no presente artigo a pandemia como um fenômeno que não se limita ao campo biológico, com caráter sociopolítico e que é pautado em relações de poder e desigualdades sociais pré-existentes na sociedade brasileira, tornando-se assim uma ferramenta necropolítica, que tem na midiaticização um cenário de disputa simbólica que se materializa no tecido social.

A primeira discussão apresentada é “A centralidade da mídia para a política”, entendendo a relevância da mídia na sociedade midiaticizada, sua influência na construção da percepção social coletiva e política. Na segunda discussão, “Poder e Necropolítica”, pesquisa-se sobre pandemia como potencializadora das desigualdades sociais e do modelo necropolítico. Em “Pós-verdade, midiaticização e *fake news*”, as novas ambiências da midiaticização são discutidas, bem como o uso de notícias fraudulentas como ferramenta de governo.

O artigo ainda analisa os discursos de Bolsonaro sobre a pandemia da Covid-19 nas publicações da Folha de São Paulo. Para isso, recorre-se à Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), tomando como parâmetros as seguintes categorias de análise: (a) Negacionismo Científico; (b) Conflitos com instituições; (c) Recomendações de uso da Cloroquina e de medicações sem qualquer eficácia comprovada para a Covid-19; (d) Oposição ao Uso de Máscaras; (e) Crítica ao Isolamento Social; (f) Crítica à Vacina.

1 A centralidade da mídia para a política

A comunicação sempre se mostrou importante no desenvolvimento da sociedade, principalmente na “reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social” e na “reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si” (THOMPSON, 2013, p.19). Ciente dessa posição da comunicação na sociedade, a relação com a política se torna facilmente perceptível. Fagen (1971 apud GOMES, 2004) aponta que “não podemos conceber o exercício do poder por parte do indivíduo A sobre o indivíduo B sem alguma comunicação”. Para o autor, essa relação se dá consolidada, pois a “comunicação como processo penetra a política como atividade”.

Enquanto outras instituições sociais perdem força de influência na socialização de seus membros, a mídia vem se mostrando cada vez mais forte no processo de internalização cultural e interiorização de normas sociais (LIMA, 2004). Para Lima, o poder de atuação a longo prazo na construção da realidade é o papel mais importante da mídia, sendo através dele que se dá a construção simbólica majoritária da política. Além disso, é constante a suplementação e substituição de funções partidárias pela mídia, como: a construção da agenda pública; a geração e transmissão de informações políticas; fiscalização das ações do governo; exercício da crítica das políticas públicas; e canalização das demandas populares (LIMA, 2004). Há ainda relações mais próximas entre política e a mídia no Brasil. Ainda que ilegal, é bastante comum no país a propriedade de mídia por políticos, seus familiares e pessoas próximas, sendo uma forte característica da comunicação brasileira³.

A condição da mídia como um dos vetores da construção social da realidade se mostra perigosa, principalmente em países como o Brasil, em que se tem baixo nível de escolaridade, alta taxa de analfabetismo funcional e pouca veiculação de informações não-hegemônicas em canais abertos⁴. Ciente disso, é possível afirmar que o paralelismo político é extremamente danoso para a construção do imaginário coletivo e mina a resistência intelectual e emocional dos indivíduos.

³ <https://brazil.mom-rsf.org/br/destaques/afiliacoes-politicas/>. Acesso em 07 de dezembro de 2020

⁴ <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/08/epoca-negocios-tres-em-cada-10-sao-analfabetos-funcionais-no-pais-aponta-estudo.html>. Acesso em 07 de dezembro de 2020.

Segundo Albuquerque (2012, p, 8), “o conceito de paralelismo político se refere à percepção de uma convergência de objetivos, meios, enfoques e públicos entre determinados jornais e determinados partidos políticos”, com essa condição afetando “a produção, a recepção e as repercussões das mensagens políticas”, podendo ser específicas entre meios e partidos ou mais relacionados às tendências políticas gerais. No entanto, esse paralelismo tende a ser camuflado sob o discurso de objetividade e imparcialidade, ocultando seu caráter histórico de posicionamento e influência na formação da opinião pública e decisões políticas (OLIVEIRA et al, 2018).

Entendendo a opinião pública sendo formada “com base nas reações dos indivíduos a um mundo percebido ou desenhado em suas mentes”, essa percepção de realidade pode ser comprometida ao passar pelos filtros da mídia, ainda que a complexidade de mundo exija que informações mediadas sejam acionadas para a construção de opiniões (LIPPMANN, 2010 apud OLIVEIRA et al, 2018).

Os grandes conglomerados ainda detêm a maior parte do poder desse tipo de produção e transmissão simbólica, sendo relevantes até mesmo para grupos sociais que os deslegitimam. Mas, com a ampliação do processo de mediação, os conteúdos direcionados e que reafirmam crenças, indiferente à fatualidade, reforçam e legitimam expectativas de modo mais eficiente que os meios tradicionais.

2 Poder e necropolítica

A raça sempre esteve presente no pensamento e nas práticas dos modelos políticos ocidentais, principalmente quando referente à dominação e opressão, não sendo diferente dentro da necropolítica (MBEMBE, 2018). No Brasil, a violenta condição histórica apresenta reflexos nos dias atuais, sendo raça e classe quase indissociáveis. A manutenção do racismo se explica por seu papel social, pois “na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado” (MBEMBE, 2018, p. 18), sendo essa “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer” (FOUCAULT apud MBEMBE, 2018, p. 18). Falhas na construção dessa percepção sobre a aceitabilidade da morte, quando pessoas se identificam com os corpos escolhidos, gera um choque social, como acontece com o holocausto nazista (MBEMBE, 2018).

Atualmente, no Brasil, o estado de exceção atua de forma menos explícita no sentido jurídico-político, mas mantendo o modelo de criação de alvos através da

desumanização e definição de quem importa e quem não importa. A violência policial, o descaso com sistemas de infraestrutura básica e a precariedade de trabalhos são exemplos de ações do necropoder dentro de campos de exceção. Os campos são espaços de exceção ao deleite do poder soberano - que pode ser qualquer autoridade que lhe é dado esse poder, seja definitivo ou temporário (AGAMBEN, 2002). São ainda zonas de indistinção entre “exceção e regra, lícito e ilícito, na qual os próprios conceitos de direito subjetivo e de proteção jurídica não faziam mais sentido” (AGAMBEN, 2002, p. 177), com a supressão de direitos e leis, onde a suspensão temporária do ordenamento se torna permanente. O estado de exceção se torna assim uma “nova e estável disposição espacial”, com o sistema político não mais ordenando um espaço determinado, mas através de uma “localização deslocante [...], na qual toda forma de vida e toda norma podem virtualmente ser capturadas (AGAMBEN, 2002, p. 182).

Partindo desse entendimento da necropolítica e dos campos de exceção, é possível entender o funcionamento dos diferentes tipos de violências e opressões na sociedade. No entanto, o ponto central aqui será a perspectiva da pandemia como um fenômeno social e seu uso como parte da necropolítica. Com uma taxa alta de transmissão, a Covid-19 apresenta grande variedade de quadros após o contágio, indo de pacientes que permanecem assintomáticos a outros que chegam ao óbito. Dessa forma, a primeira preocupação – e recomendação – dos especialistas foi de reduzir o número de contágios simultâneos, de forma que o Sistema Único de Saúde (SUS) conseguisse atender os pacientes de quadros graves e amenizar os impactos da pandemia. Estima-se que 70% da população brasileira depende exclusivamente do SUS⁵, que tem 22,8 mil leitos de UTI, enquanto a rede particular tem 23 mil leitos⁶, demonstrando a desigualdade socioeconômica no acesso a saúde. Isso se reflete no número de óbitos, apresentando grande diferença de acordo com os recortes de raça, classe e geográfico.

A população negra apresenta maior chance de morte em qualquer recorte, sendo a maior diferença comparativa racial entre negros analfabetos e brancos com nível

⁵ Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/pacsauade/diretrizes.php>. Acesso em 07 de janeiro de 2021.

⁶ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/especialistas-analisam-disponibilidade-de-leitos-no-pais-e-discutem-possibilidades#:~:text=Em%20n%C3%BAmeros%20absolutos%2C%20a%20diferen%C3%A7a,considerado%20E2%80%9Csatisfat%C3%B3rio%20E2%80%9D%20pela%20entidade>. Acesso em 07 de janeiro de 2021.

superior, 80% contra 19%.⁷ Tais números mostram que os impactos da pandemia não são igualmente sentidos na sociedade. Além disso, a população negra vem sendo ainda vítima do aumento de mortes em intervenções policiais⁸ e do avanço da fome no país⁹.

Os fatores anteriormente apresentados são para contextualizar a grave situação em que se encontra a população brasileira no cenário pandêmico, com agravantes sociais, econômicos e sanitários extra pandêmicos, que atendem a uma necropolítica neoliberal, intensificada pelas declarações do representante maior do estado nacional, Jair Bolsonaro (sem partido). Desde o início da pandemia, suas declarações e posições são negacionistas e obscurantista, indo contra as recomendações de órgãos de saúde, ao mesmo tempo em que busca culpabilizar outros atores sociais, eximindo-se das responsabilidades enquanto presidente. Uma das principais ferramentas utilizadas é a pós-verdade, deslocando as discussões do campo factual para o espaço afetivo, onde a evidência e a ciência são substituídas por opiniões e teorias conspiratórias.

A constante negação dos impactos da doença e a construção de falsas teorias foram características de alguns governos de extrema-direita. Contudo, a tendência global foi de recuo diante da gravidade da situação, mas que acabou não ocorrendo no Brasil. A politização velada da doença e o apelo à pós-verdade ainda se mantem, intensificando o número de contágios e óbitos, gerando caos e descrédito de instituições, da ciência e da mídia. Apesar de parecer um cenário completamente negativo, a política da desinformação e desorientação está alinhada à política de morte, pois utiliza dos “descartáveis” para realizar apelos políticos emocionais, acobertar ações de pouca aceitação popular e se defender de fracassos.

3 Pós-verdade, midiaticização e *fake news*

Segundo o Dicionário de Oxford, que a elegeu palavra do ano de 2016, pós-verdade é definida como “relativo ou referente a circunstâncias nas quais os fatos

⁷ Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/brasil/2020/05/5610716-taxa-de-morte-por-coronavirus-e-maior-entre-negros-e-analfabetos.html>. Acesso em 08 de janeiro de 2021.

⁸ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4883162-mortes-pela-policia-atingem-patamar-recorde-negros-sao-as-maiores-vitimas.html>. Acesso em 08 de janeiro de 2021.

⁹ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/acabar-com-fome-ate-2030-e-incerteza-alerta-relatorio-onu>. Acesso em 08 de janeiro de 2021.

objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais”¹⁰. A popularização de pós-verdade se deu, não por coincidência, no mesmo período que *Fake News*, com ambas se relacionando fortemente às eleições presidenciais estadunidense e ao referendo do *Brexit*.

Para Jill Lepore (2016 apud HACK, 2019, p. 24), “a verdade entrou em uma nova era, influenciada em grande parte pela internet” e essa condição se dá pela forma de funcionamento da internet, com os fatos “perdendo seu valor e espaço, cedendo o seu lugar aos dados e gerando o caos informativo”. Lepore ainda afirma que “ao enviarmos ‘pedaços’ nossos para a vastidão de dados, recebemos em troca fragmentos da realidade, o que nos impede de ver e compreender o todo”, terceirizando o processo de investigação, discernimento e julgamento na construção da realidade.

Hoje, a onipresença da mídia deixa de ser entendida como técnica ou ferramenta de influência para se tornar modeladora de caráter, função e estrutura de outras instituições sociais (HJARVARD, 2012). Apesar da importância histórica da mídia nas sociedades, a midiatização é definida pela “situação histórica em que a mídia alcançou de uma vez autonomia como instituição social e está interligada de maneira crucial ao funcionamento de outras instituições” (HJARVARD, 2012, p. 60). Existe uma amplitude de uso do conceito de midiatização, mas Hjarvard (2012, p. 64) parte do entendimento de que se trata de um “conceito central em uma teoria sobre a importância intensificada e mutante da mídia dentro da cultura e da sociedade”, com submissão e dependência da sociedade em relação à mídia.

Existem alguns pontos a serem refletidos sobre esse processo. O primeiro é a aplicação de caráter negativo ao conceito de midiatização, que, em essência, não é normativo. O segundo ponto é o termo *fake news*, esvaziado pelo seu uso político, principalmente pela *alt-right*, que classifica dessa maneira qualquer oposição às suas políticas ou crenças. Por último, o constante crescimento da disseminação de conteúdo por mídias sociais, principalmente pelo *WhatsApp*, que se tornou uma ferramenta de extrema importância na política. Com essa migração para as mídias sociais, os receptores, que também são eleitores, passaram a agregar funções de produtores e transmissores de informação, facilitando o direcionamento de conteúdos

¹⁰ Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em 14 de dezembro de 2020.

“personalizados” e dificultando a fiscalização. No entanto, isso não é um fenômeno próprio da midiatização, ainda que ela traga especificidades para essas ações.

Fake News foi considerada “a palavra do ano de 2017” pela editora Collins, com um incremento de 365% desde 2016, muito pela perda valorativa do termo e aumento de sua abrangência (DE JORGE, 2019, p. 225). Na busca de fazer um recorte mais assertivo ao que quer expor, o presente artigo optará por utilizar o termo “notícias fraudulentas”, partindo do entendimento de que:

Notícia falsa não é um bom conceito. A notícia falsa pode ser uma notícia incorreta, mal apurada, mal escrita. Estamos falando aqui é de notícia fraudulenta, intencionalmente produzida com o objetivo de obter algum determinado fim, político ou não (LINS E SILVA, 2017 apud DE JORGE, 2019, p. 233).

O contexto é fundamental para se entender o fenômeno das notícias fraudulentas. Como exposto anteriormente, as possibilidades oferecidas pela internet é um dos fatores que contribuem com a disseminação desse tipo de conteúdo, além de facilitar o direcionamento ao público-alvo, baseado em suas percepções de mundo e crenças. Ao se juntar essa ambiência com as crises econômica e política, que geram insatisfação na população com as instituições existentes, principalmente as midiáticas e políticas, o crescimento de ideias de extrema-direita se tornam mais aceitáveis.

Desde 2016, com as eleições de Trump, o uso das notícias fraudulentas vem se tornando uma ferramenta mais comum na arena política. Nas eleições brasileiras de 2018, Bolsonaro utilizou estrutura similar à de Trump, mas não se limitou apenas ao período eleitoral. A criação de conteúdos fraudulentos tende a partir de preconceitos latentes na sociedade, construindo narrativas de inimigos e salvadores da condição construída, caminhando para o cenário de pós-verdade.

Vivendo em realidades particulares, as percepções de mundo deixam de se basear em fatos e passam a ser construída a base de dados. Não por acaso, como aponta Moretzsohn (2017 apud HACK, 2019, p. 26), a “era da informação” é favorável à “propagação das *fakes news*, uma vez que os sujeitos são alienados pelo excesso de oferta”, dificultando a percepção da desinformação.

Dessa forma, o uso político das notícias fraudulentas, intensificado pelo processo de midiatização, é capaz de criar realidades quase paralelas ao mundo em que se vive, fragilizando a possibilidade de debates públicos consistentes e críticos. Essa

condição por si só já traz muitos problemas, mas se torna ainda pior em momentos de exceção, como grandes crises, guerras e pandemias, onde a necropolítica neoliberal é posta em prática de forma explícita e cada vez menos limitada.

4 Estudo de caso: as declarações de Bolsonaro sobre a pandemia na Folha de S. Paulo

Para analisar o posicionamento de Jair Bolsonaro relacionados à pandemia de Covid-19, foram escolhidas 60 notícias da página online da Folha de São Paulo, em diferentes momentos da pandemia. A escolha se dá por sua relevância no cenário midiático nacional, com recordes de audiência durante a cobertura da pandemia de coronavírus e do governo Bolsonaro¹¹. O veículo é também um dos alvos de grupos bolsonarista. Ainda que exista alinhamento editorial com pautas econômicas do governo, os conflitos são constantes nas coberturas sobre a atuação do presidente.

O recorte de tempo selecionado é de março de 2020, quando a OMS decreta pandemia, até abril de 2021. A seleção de notícias foi guiada pelas seguintes características: foco nas declarações de Jair Bolsonaro e/ou de membros de seu governo, teor negacionista e potencial de pós-verdade. Foram pesquisadas as palavras Bolsonaro, Covid-19, Coronavírus e Pandemia, no mecanismo de busca do site Folha de São Paulo, excluindo as editorias Opinião e Colunas, e buscou-se eventos específicos através da ferramenta de pesquisa do Google. Dentro dos resultados selecionados, destaca-se a recorrência de: (a) minimização dos efeitos da pandemia; (b) negacionismo diante de medidas científicas; (c) insistência no “tratamento precoce”, principalmente o uso da cloroquina; (d) politização do coronavírus, mas sob sua negação; (e) o apelo discursivo e comportamental para manutenção do apoio de seu eleitorado.

O intuito é demonstrar como o caótico cenário brasileiro vem sendo desenhado por meio de declarações e posturas oficiais, com a pós-verdade e a desinformação sendo elementos de governo, principalmente em relação à pandemia de Covid-19.

¹¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/folha-bate-recorde-de-audiencia-pelo-segundo-mes-seguido-com-coronavirus.shtml>. Acesso em 09 de maio de 2021.

4.1 *Corpus* de análise

Como pode ser observado no Quadro 1, ao longo de março de 2020 até abril de 2021, foram coletadas 60 notícias da *Folha de S. Paulo*, com falas polêmicas do presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia, que revelam a sua postura negacionista, tentando minimizar a doença, mesmo com o aumento do número de casos e de mortes.

Foram selecionadas as notícias a partir de alguns fatos mais polêmicos, tendo em vista que o presidente gerava conflitos em relação à pandemia quase cotidianamente. O *corpus* é bem ilustrativo no sentido de trazer exemplos do posicionamento de Bolsonaro sobre as principais temáticas que envolvem a Covid-19. A partir de uma pré-análise, definiu-se algumas categorias de análise:

1 - Negacionismo Científico: minimização da gravidade da doença, questionamento às medidas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS);

2 - Conflitos com instituições: conflitos com o Congresso, governadores, ministros do Supremo, comunidade científica e, principalmente, os veículos da grande imprensa, além de declarações polêmicas em relação a países como a China e a Índia, importantes parceiros comerciais e principais fornecedores de vacina e de insumos;

3 - Recomendações de uso da Cloroquina e de medicações sem qualquer eficácia comprovada para a Covid-19;

4 - Oposição ao Uso de Máscaras: desincentivo ao uso de máscara tanto em declarações quanto em manifestações e aparições em público sem máscara;

5 - Crítica ao Isolamento Social: medida vista como desnecessária e que colocava a economia em risco;

6- Crítica à vacina: o presidente chegou a questionar até mesmo a eficácia das vacinas e declarou que não adotaria um plano de vacinação no país. Fez críticas, principalmente, a vacina desenvolvida pela China em parceria com o Instituto Butantan, do governo de São Paulo, chamando de “vacina chinesa” ou “comunista”. No entanto, a vacina CoronaVac passou a ser a mais utilizada no plano de imunização do país.

Quadro 1 – Declarações de Bolsonaro na pandemia publicadas pela *Folha de S. Paulo*

Data	Título	Temática
09/03/2020	Bolsonaro minimiza crise e diz que coronavírus está superdimensionado	Negacionismo
10/03/2020	Evento de educação com políticos em Brasília é cancelado por suspeita de coronavírus, e Weintraub ironiza	Conflito com Instituições
11/03/2020	Outras gripes mataram mais do que coronavírus, diz Bolsonaro	Negacionismo
11/03/2020	'Não convoquei ninguém', diz Bolsonaro após chamar população para protesto pró-governo	Conflito com Instituições
12/03/2020	Bolsonaro faz live de máscara e desestimula ida a protesto por causa de coronavírus	Conflito com Instituições
15/03/2020	Bolsonaro desafia Maia e Alcolumbre e vê histeria no combate ao coronavírus	Conflito com Instituições
15/03/2020	Bolsonaro ignora crise do coronavírus, estimula e participa de ato pró-governo e contra Congresso e STF	Conflito com Instituições
16/03/2020	Mesmo após 6.513 mortes, Bolsonaro diz que crise do coronavírus 'não é isso tudo que dizem'	Negacionismo
18/03/2020	Bolsonaro cobra discurso político de Mandetta em pandemia do coronavírus	Conflito com Instituições
18/03/2020	Bolsonaro e Mandetta ignoram recomendação de uso de máscara contra coronavírus	Oposição ao Uso de Máscara
20/03/2020	'Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar', diz Bolsonaro sobre coronavírus	Negacionismo
22/03/2020	População saberá que foi enganada por governadores e imprensa sobre coronavírus, diz Bolsonaro	Conflito com Instituições
24/03/2020	Em pronunciamento, Bolsonaro critica fechamento de escolas, ataca governadores e culpa mídia	Conflito com Instituições
24/03/2020	Bolsonaro contraria 157 países ao defender escolas abertas em meio à pandemia	Negacionismo
24/03/2020	Radicalização de Bolsonaro foi sugerida por núcleo ideológico para municiar militância digital	Negacionismo
25/03/2020	Isolado, Bolsonaro diz que fazer politicagem com coronavírus é 'coisa de covarde'	Conflito com Instituições
25/03/2020	Governo cria protocolo para dar cloroquina a pacientes graves com Covid-19	Recomendação de Cloroquina
26/03/2020	Em reunião do G20, Bolsonaro fala em proteção de empregos e defende cloroquina	Recomendação de Cloroquina
26/03/2020	Brasileiro mergulha no esgoto e não acontece nada, diz Bolsonaro ao minimizar coronavírus	Negacionismo
27/03/2020	Sem apresentar provas, Bolsonaro diz desconfiar do número de vítimas do coronavírus em SP	Negacionismo
31/03/2020	Em novo pronunciamento, Bolsonaro fala em pacto contra pandemia e volta a equiparar vidas e empregos	Negacionismo
31/03/2020	Bolsonaro tira de contexto fala de diretor da OMS, que defende isolamento	Negacionismo
02/04/2020	Bolsonaro diz que fará chamado nacional para dia de jejum religioso contra coronavírus	Negacionismo
07/04/2020	Enquanto Mandetta reitera cuidado com cloroquina, Bolsonaro volta a defender remédio contra coronavírus	Recomendação de Cloroquina
10/04/2020	Em 22 de março, Bolsonaro disse que mortes por Covid-19 ficariam abaixo das 796 por H1N1	Negacionismo
17/04/2020	Em posse de Teich, Bolsonaro defende abertura de fronteiras e comércio e critica governadores	Conflito com Instituições
20/04/2020	'Não sou coveiro', diz Bolsonaro sobre qual seria número aceitável de mortes por coronavírus	Negacionismo
28/04/2020	'E daí? Lamento, quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre recorde de mortos por coronavírus	Negacionismo

30/04/2020	STF impõe nova derrota a Bolsonaro e derruba restrição a informações públicas	Conflito com Instituições
30/04/2020	Bolsonaro diz que OMS incentiva masturbação e homossexualidade de crianças	Conflito com Instituições
30/04/2020	Bolsonaro diz que chance de atleta morrer de Covid-19 é infinitamente pequena	Negacionismo
12/05/2020	Bolsonaro critica governadores e diz que reação a decreto de atividades essenciais 'afiora autoritarismo'	Conflito com Instituições
19/05/2020	Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubafina, diz Bolsonaro	Recomendação de Cloroquina
22/05/2020	Estudo com 96 mil pessoas com Covid-19 aponta que cloroquina eleva risco de morte	Recomendação da Cloroquina
25/05/2020	Apesar da decisão da OMS, Ministério da Saúde manterá orientação sobre cloroquina	Recomendação de Cloroquina
02/06/2020	'A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo', diz Bolsonaro	Negacionismo
25/06/2020	Com mais de 55 mil mortos no Brasil, Bolsonaro faz homenagem e diz que houve excesso de preocupação com Covid-19	Negacionismo
07/07/2020	Após diagnóstico de Covid-19, Bolsonaro toma hidroxicloroquina em vídeo e pergunta: 'Eu confio, e você?'	Recomendação de Cloroquina
18/09/2020	Conversinha mole de ficar em casa é para os fracos, diz Bolsonaro sobre a pandemia	Negacionismo
20/10/2020	Vacina do Butantan será vacina do Brasil, diz Pazuello ao anunciar acordo com SP; veja vídeo	Crítica à Vacina
21/10/2020	'Toda e qualquer vacina está descartada', diz Bolsonaro após polêmica com Doria	Crítica à Vacina
21/10/2020	Bolsonaro desinforma e se contradiz ao pedir evidência científica de vacina chinesa	Crítica à Vacina
10/11/2020	'Tem que deixar de ser um país de maricas', diz Bolsonaro sobre combate à Covid-19	Negacionismo
13/11/2020	Bolsonaro diz que possibilidade de segunda onda da Covid é 'conversinha'	Negacionismo
23/11/2020	Brasil é único país onde fake news sobre cloroquina ainda circulam com frequência	Recomendação de Cloroquina
10/12/2020	'Estamos vivendo um finalzinho de pandemia', diz Bolsonaro apesar da alta de mortes de Covid	Negacionismo
15/12/2020	'Eu não vou tomar vacina e ponto final, problema meu', diz Bolsonaro	Crítica à Vacina
17/12/2020	Bolsonaro volta a defender cloroquina e diz que ninguém pode obrigar aplicação da vacina contra Covid	Recomendação de Cloroquina
01/01/2021	Bolsonaro abre 2021 com nova aglomeração em praia de SP, desta vez dentro d'água	Crítica ao Isolamento
04/01/2021	Com Brasil perto de 200 mil mortes por Covid, Bolsonaro faz piada sobre uso de proteção facial	Oposição ao Uso de Máscara
05/01/2021	Brasil está quebrado e eu não consigo fazer nada, diz Bolsonaro	Crítica ao Isolamento
18/01/2021	Bolsonaro insiste em tratamento precoce e volta a lançar desconfiança sobre Coronavac	Recomendação de Cloroquina e Crítica à Vacina
25/02/2021	Em dia de recorde de mortes por Covid-19 no Brasil, Bolsonaro fala contra uso de máscaras	Oposição ao Uso de Máscaras
26/02/2021	Bolsonaro usa pesquisa alemã distorcida para criticar uso de máscaras	Oposição ao Uso de Máscaras
01/03/2021	'Não errei nenhuma', diz Bolsonaro ao insistir em tratamento precoce e em críticas a isolamento	Recomendação de Cloroquina e Crítica ao Isolamento
03/03/2021	'Para a mídia, o vírus sou eu', diz Bolsonaro no ápice da pandemia	Conflito com as

	no Brasil	Instituições
04/03/2021	'Chega de frescura e mimimi, vão chorar até quando?', diz Bolsonaro sobre pandemia	Negacionismo
06/03/2021	Governo rejeitou 70 milhões de doses da Pfizer, das quais 3 milhões poderiam já ter sido aplicadas	Crítica à Vacina
08/03/2021	Não vou decretar lockdown e meu Exército não vai obrigar o povo a ficar em casa, diz Bolsonaro	Crítica ao Isolamento
03/04/2021	Se acharem que devo vacinar, vacino, não tem problema, diz Bolsonaro em nova mudança de discurso	Crítica à Vacina

Fonte: Os autores

5 Análise de conteúdo

Quanto às temáticas, a frequência é de: Negacionismo (23); Conflito com Instituições (14); Recomendação de Cloroquina (12); Crítica à Vacina (7); Oposição ao Uso de Máscara e Crítica ao Isolamento Social (4 cada).

A pandemia de coronavírus foi decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020. No entanto, as discussões e esforços no combate à Covid-19 começaram bem antes, com o primeiro caso conhecido datando dezembro de 2019. Desde então, a OMS tem recomendado medidas sanitárias para prevenção da doença, mas adotadas de acordo com a vontade do governo de cada país.

Entre os posicionamentos mais polêmicos estão os adotados pelos presidentes Donald Trump, nos EUA, e Jair Bolsonaro, no Brasil. Ambos assumiram uma postura negacionista, não reconhecendo a gravidade da pandemia, e entrando em conflito com a ciência. Apesar de fatores sociais também influenciarem no quadro de combate à Covid-19 e dificultar uma homogeneidade de medidas, a escolha pelo negacionismo e pela necropolítica neoliberal são as principais razões para o agravamento da pandemia.

O momento que antecedeu o decreto da pandemia e seu primeiro mês foram marcados por declarações que minimizavam a doença e incentivos a aglomerações por Bolsonaro. Uma política caótica de avanços e recuos diante das recomendações foi adotada, aumentando a incerteza sobre a doença e as medidas a serem tomadas. O posicionamento do presidente, que poderia ser entendido como fruto de desinformação nos momentos iniciais da pandemia, revelou-se como postura política com o avanço da pandemia. Mesmo com o desenvolvimento de pesquisas e comprovações científicas, o presidente do Brasil não só manteve a postura, como a reforçava em cada oportunidade.

O negacionismo de Jair Bolsonaro o isolou cada vez mais, intensificando os atritos com os poderes estaduais e municipais, além do poder judiciário e até mesmo

com pastas dentro de seu governo. Poucas medidas efetivas foram adotadas e, na maior parte das vezes, Bolsonaro discursava para seus seguidores, inflamando debates desconexos da realidade e encobrendo os fatos. Esse modelo de gestão da pandemia não foi exclusividade do Brasil, porém, com o tempo, os outros governos cederam às recomendações mínimas, enquanto Bolsonaro manteve a postura.

O apelo à pós-verdade vem acompanhado de acusações sem embasamento, descontextualização de falas e recorrência a pesquisas sem validação. Todos esses recursos são usados como ferramentas para criação de conflitos e justificativa para suas omissões. A busca por deslegitimar a mídia é frequente e o confronto com os principais veículos de imprensa do país foi aumentando ao ponto de o governo omitir os dados relacionados aos casos e óbitos de coronavírus. Como resultado, foi criado, de forma inédita, um consórcio de mídia entre os veículos G1, O Globo, Extra, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e UOL para buscar informações sobre a pandemia.

Ao mesmo tempo que Bolsonaro busca medidas para dificultar o desenvolvimento e distribuição de vacinas, aposta na cloroquina como seu método oficial de combate à pandemia. O medicamento não só é ineficaz na prevenção e tratamento da Covid-19, como também apresenta risco de morte aos pacientes¹². Os gastos da União com medicamentos sem comprovação científica, assinalados como “tratamento precoce”, é de, pelo menos, R\$ 89.597.985,50, valor superior ao investido no convênio com o Instituto Butantan para “aquisição dos equipamentos para o centro de produção multipropósito de vacinas”, com valor de R\$ 63,2 milhões, que não haviam sido pagos até o momento da matéria de referência¹³.

A necropolítica adotada pelo Estado brasileiro, intensificada na gestão de Bolsonaro, é agravada pela desigualdade do país, tornando a Covid-19 uma ameaça de forma indireta também. A sobrecarga no sistema de saúde fragiliza o combate a outras doenças, colocando em risco, principalmente, a parcela mais vulnerável da sociedade. De forma direta, esse mesmo grupo também é o mais afetado pela pandemia, pois os impactos econômicos tornam inviável o isolamento social preventivo, além da falta de políticas públicas que forneçam condições sanitárias, de moradia e de alimentação

¹² Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/05/os-riscos-da-cloroquina-e-da-hidroxiclороquina-no-tratamento-da-covid-19.html>. Acesso em 03 de maio de 2021.

¹³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55747043#:~:text=At%C3%A9%20agora%2C%20os%20gastos%20da,por%20meio%20de%20fontes%20p%C3%ABlicas..> Acesso em 03 de maio de 2021.

aumentarem a taxa de risco de contágio por Covid-19 e outras doenças. Assim, é possível perceber que a forma com que o presidente trata a situação afeta a sociedade de diferentes formas. Segundo o estudo “*Social Inequalities and Covid-19 Mortality in the City of São Paulo*”, além da correlação entre indicadores socioeconômicos e taxa de mortalidade, o fator racial é preponderante, com pretos e pardos apresentando taxas de 81% e 45%, respectivamente, mais altas que pessoas brancas¹⁴. Assim, é possível ler a política de governo de Bolsonaro como um genocídio.

A materialização dos discursos pode ser percebida na matéria *Falas de Bolsonaro contra isolamento podem ter matado mais seus eleitores*, aponta estudo. Baseada no estudo “*Ideologia, isolamento e morte: uma análise dos efeitos do bolsonarismo na pandemia de Covid-19*”, realizado no período inicial da pandemia, a matéria aponta a relação entre a queda das taxas de isolamento social e os discursos de Bolsonaro. A pesquisa destaca que, onde Bolsonaro teve mais votos no primeiro turno, o isolamento tem sido menor e o número de morte maior, com picos após as falas negacionistas do presidente. A cada discurso de Bolsonaro em que minimizou a pandemia, houve queda na taxa de isolamento social em todos os estados. Ainda na matéria, outro levantamento é apresentado, demonstrando que houve queda no apoio ao isolamento social entre eleitores de Jair Bolsonaro, indo de 59%, entre final de março e início de abril, para 41%, entre final de maio e início de junho¹⁵. Partindo desses estudos, é possível perceber que o padrão discursivo-comportamental de Bolsonaro poderia ter direcionado o país para um quadro mais ameno em relação à pandemia, isso sem considerar as possíveis ações como chefe do executivo do país.

Considerações finais

Declarações se materializam em ações e posicionamentos nas sociedades, principalmente quando partem de figuras públicas e formadoras de opinião. Assim, as falas de Bolsonaro, bem como suas ações, não são expressões individuais, mas legitimam e incentivam ações irresponsáveis, principalmente entre seus apoiadores. Ciente disso, o governo utiliza o caos gerado como elemento de sua política, fazendo

¹⁴ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/desigualdade-que-mata/>. Acesso em 03 de maio de 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/falas-de-bolsonaro-contra-isolamento-podem-ter-matado-mais-seus-eleitores-aponta-estudo.shtml>. Acesso em 02 de maio de 2021.

uso da pandemia de Covid-19 como aliada para implementar medidas de pouca aceitação popular e justificar os fracassos do governo. O fomento a discussões com base na carga emocional e preconceitos, visa criar espaços para ações dentro da política institucional sem que elas se tornem pautas públicas, convergindo a veiculação de notícias fraudulentas e pós-verdade à necropolítica, que se realiza não apenas pelo coronavírus, mas pela negação de amparo à direitos fundamentais, desassistência e adoção da violência como *modus operandi*.

A emancipação ou a manutenção do modelo político vigente, agravado por Bolsonaro, mas que extrapola seu governo, está diretamente relacionada à comunicação e aos meios midiáticos. O agendamento e silenciamento de pautas públicas são vetores para a construção da percepção social. Ainda que as mídias alternativas tentem dar protagonismo às narrativas e aos atores sociais contra hegemônicas, é enorme a assimetria em relação ao poder dos veículos hegemônicos.

É importante a leitura crítica desses pontos para entender a relevância da mídia tradicional no embate com Bolsonaro e sua valia no combate à desinformação, principalmente relacionada à pandemia de Covid-19, mas entender também seus limites e interesses. Existe um alinhamento editorial com discursos dominantes que antecede, perpassa e ultrapassa o atual governo. Essa construção da percepção coletiva de mundo não se limita ao governo vigente, ainda que ele possa ser resultado dessa lógica. A construção narrativa é contínua e todo conteúdo criado está carregado de sentidos, independente do veículo ou ator social que o desenvolve.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ALBUQUERQUE, Afonso de. O Paralelismo Político em Questão. In: **Revista Compolítica**. V. 2, N 1, ed. julho-agosto, ano 2012. Rio de Janeiro: Compolítica, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

DE JORGE, Thais Mendonça. **Notícias versus fake news**: a explosão discursiva das informações e o mundo dos jornalistas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2004.

HACK, Wellington Felipe. “**Fatos não funcionam. E é isso.**”: **Jornalismo, falsidade e fraude em contextos de pós-verdade**. Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, 2019.

HJARVARD, Stig. **Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural**. **MATRIZES**. Ano 5 - nº 2. P. 53-91. São Paulo, 2012.

LIMA, Venício Artur de. **Sete teses sobre mídia e política no Brasil**. **Revista USP**. Nº 61. São Paulo, 2004. P. 48-57.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, L.A. de; FERNANDES, C. M.; CHAGAS, G. C. **Novos passos do golpe: o enquadramento da Reforma da Previdência no Jornal Nacional**. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 02, pp. 59-86, ago.2018/nov. 2018.

THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.